



TÓ

REVISTA DE
PSICANÁLISE

PI
CA

N. 9

ANO 14
NOVEMBRO. 2015
MACEIÓ. AL
BRASIL

GPAL
GRUPO PSICANALÍTICO DE ALAGOAS

ISSN 1980-8992



TÓPICA É UMA PALAVRA DERIVADA
DO VOCÁBULO GREGO “TOPOV”, O
QUAL SIGNIFICA LUGAR, MAS PODE
TAMBÉM SIGNIFICAR A MATÉRIA
DE UM DISCURSO. ..., NA RIQUEZA
DE SUA SIGNIFICAÇÃO SEMÂNTICA,
LEMBRA, POIS, QUE A NOVA
REVISTA É O LUGAR DA PESQUISA
PSICANALÍTICA”.

TRECHO DA APRESENTAÇÃO DA TÓPICA 1,
POR ZEFERINO ROCHA

PRESIDENTE

Fernando Barbosa de Almeida

VICE-PRESIDENTE

Nádima Carvalho Olimpio da Silva

TESOUREIRA

Maria Edna Melo Silva

SECRETÁRIO

Elpídio Estanislau da Silva Jr.

**COORDENADORA DA COMISSÃO DE
FORMAÇÃO PSICANALÍTICA**

Ana Lucila Barreiros B.de Araújo

**COORDENADORA DA COMISSÃO
CIENTÍFICA**

Lenilda Estanislau Soares de Almeida

COMISSÃO CIENTÍFICA E EDITORIAL

Ana Lucila Barreiros B. de Araújo

Francisco José Passos Soares

Heliane de Almeida Lins Leitão

Maria Edna de Melo Silva

Nádima Carvalho Olimpio da Silva

Stella Maris Souza da Mota

**PROJETO GRÁFICO/
DIAGRAMAÇÃO**

Michel Rios

CAPA

Michel Rios e Luísa Estanislau



ISSN 1980-8992

TÓPICA é uma publicação bienal do Grupo
Psicanalítico de Alagoas (GPAL).

Parque Gonçalves Ledo, 47, Farol -

CEP: 57021-340 - Maceió-AL

82 3221.1404

gpalmaceio@hotmail.com

CINEMA E PSICANÁLISE: ENTRE A FICÇÃO E A AFECÇÃO DO EU

FRANCISCO JOSÉ PASSOS SOARES

Médico, doutor em pediatria pela UNIFESP, especializado em educação médica, membro do GPAL. Atualmente, em pós-doutoramento em bioética no programa de pós-graduação da UNB/Cátedra da UNESCO.

RESUMO

O eu é uma ficção normativa, a mentira que contamos todos os dias, e nela acreditamos porque nos alienamos na cultura, na ideologia e nos afetos. Em tempos de empobrecimento subjetivo o indivíduo é remetido ao corpo, quase que unicamente a ele. Próteses psíquicas e biológicas, artifícios de montagem biopsicomecânica geram autômatos, de fácil manipulação – biomáquinas, robôs, zumbis. Na mon-

tagem deliberadamente perversa o outro só é admitido como objeto para vigiar e controlar. O cinema americano de ficção com zumbis e vampiros explora o imaginário relativo à globalização e às angustias originadas das reconfigurações de fronteiras das nações, das famílias, das instituições em geral, em que o sintoma social mais atual é a indiferença projetada no outro. A realidade do deserto invadindo o deserto do real do capital.

O eu é uma ficção normativa imposta desde fora pela cultura, pela ideologia, e nutrida pelos afetos. O eu é o outro na medida em que este se antecipa, e eu sou quase eu porque o outro nunca deixa de existir em mim e fora de mim. O eu sou eu-corpo porque limitado a um invólucro material anatômico, e também por um repertório de emoções que faz vibrar de maneira diversa (muito mais na intensidade, que na originalidade) os tons, as cores, as formas concretas e abstratas de estar no mundo, em relação.^{1,2}

Que rei sou eu? Clivado desde a origem entre o desejo da mãe e o do pai, entre o meu desejo e o desejo do outro, a falta me faz preenche-la contando (relatando, compondo, pintando, esculpindo, bordando, ou agredindo, matando, adoecendo), narrando uma ficção que me cobre como a veste imaginária tecida por um esperto alfaiate que soube explorar a vaidade de um rei cuja ficção era se considerar único, soberbo, absoluto, no entanto estava nu.³

A mentira que contamos, nossa ficção do eu, é essa veste imaginária que nos cobre e ao mesmo tempo nos deixa nus aos olhos dos outros, pois foi por esse outro tecida. Somos

todos ao mesmo tempo reis nus e alfaiates irônicos.

PULSÃO ORAL E CINEMA DE FICÇÃO CIENTÍFICA

Os filmes de ficção científica, em geral, projetam no futuro ou no passado fantasias que dizem respeito a lutos por perda significativas, negados e carregados de forte intensidade de culpa. Se reais, as perdas, aos diretores, roteiristas, ou escritores da obra que serviu de inspiração, neste gênero de ficção devemos dar pouca importância. É possível que haja coincidência em algumas situações, como nos filmes autorais em que as pistas são evidentes e até mesmo assumidas e declaradas.⁴

No entanto, é provável que a ficção atual contextualizada com os avanços científicos ocorra como produto e resposta cultural às fantasias relacionadas a vivências e percepções muito primitivas.^{3, 5}

A sublimação é a via por onde a pulsão retorna como resposta ficcional contextualizada culturalmente, como solução à fantasia inicial pouco estruturada vivenciada em épocas muito precoces da vida, ainda impossível de simbolização e traduzida apenas como terror, algo ameaçador e encerrado em um id primitivo sensoperceptivo na origem.³

Estudando a agressão e sua relação com o desenvolvimento emocional Winnicott³ deduziu que: “O erotismo oral acumula jun-

to a si componentes agressivos e, na saúde, é o amor oral que traz dentro de si a base da maior parte da agressividade real – isto é, a agressão pretendida pelo individuo e sentida como tal pelas pessoas à sua volta.”

As fantasias relativas às pesquisas sexuais, ao incesto e à ameaça de castração encontram-se em épocas posteriores nas pulsões primitivas relativas a estas vivências e percepções de terror, ódio, ameaça de dissolução, o caminho para reverberar, e para alguns indivíduos dificultar a superação de etapas fundamentais ao desenvolvimento psicosexual, e até mesmo promover a desintegração progressiva ou tardia do ego. Fantasias infantis de morte de irmãos por nascer, de ódio aos progenitores, ou da própria morte pela castração podem, portanto se apoiar no quantum de energia pulsional ativo e relativo às experiências pulsionais auto e hetero destrutivas vivenciadas em etapas previas à simbolização.^{3,5,6}

As fantasias infantis encontram seu correlato cultural antecipado e simbolizado nas brincadeiras grupais aprendidas e nas histórias infantis que guardam o potencial de apaziguamento dessas fantasias ameaçadoras, quando encenadas, ou lidas e ouvidas, e continuamente imaginadas e reinterpretadas pela curiosa mente infantil, e recontadas por adultos ao seu redor. A cultura protege a criança de suas próprias fantasias projetando-as fora do seu pequeno e frágil ego como aventura e desafio, encenando modos diferenciados de

superação, reduzindo a angustia e possibilitando diferenciados caminhos culturais futuros para a sublimação.^{3,6,7}

Na atualidade, com o empobrecimento subjetivo e as novas configurações familiares e culturais, a literatura infantil divide espaço com games e vídeos projetados para a ação violenta, destrutiva, aniquiladora, enquanto permanece com sua face reflexiva e cada vez mais humanizada e didaticamente harmônica com os desafios e angustias das vivências com a diversidade afetiva e cultural contemporânea. A literatura infantil, portanto, ainda abre caminhos para a sublimação como via e meio de superação de angústias na futura vida adulta.

A oralidade pulsional primitiva integra-se às etapas posteriores do desenvolvimento psicosexual, e na literatura e nas demais manifestações artísticas encontramos sua força ativa capaz de pôr-se em movimento e fazer-se reconhecer com as marcas do real, imaginário e simbólico nos múltiplos e entrelaçados nós culturais.^{5,6}

**ZUMBIS, ZUMBIX E O
EMPOBRECIMENTO
SUBJETIVO ATUAL**

Em tempos de empobrecimento subjetivo o indivíduo é remetido ao corpo, quase que unicamente a ele. O corpo, no entanto, também é vivenciado como descartável, substituível, ameaçado e exposto como objeto, e resto. Desfeitos os laços de nação com a globalização, comunitários com as migrações, e os familiares, laborais, religiosos, culturais em geral, podendo adotar estilos em lugar de uma identidade, e uma estética em lugar de uma ética, o corpo vaga por ambientes urbanos obedecendo aos imperativos do capital para preencher seu vazio identitário com artifícios de consumo, próteses de um falo-falho.^{8,9}

Acumulam-se ou engrenam-se próteses psíquicas e biológicas em uma montagem biopsicomecânica que gera autômatos, fáceis de manipulação: biomáquinas, robôs, zumbis.^{9,10}

Na ficção cinematográfica contemporânea predominam filmes e séries com zumbis, seres que se movem sem rumo, sem emoção, sem memória, indiferentes, ameaçadores, mortos-vivos, milhões de mortos-vivos, contaminantes, que devem ser eliminados. Não há possibilidade de convivência mútua, a tolerância é zero, apenas o extermínio é a solução.

Para os vampiros e extraterrestres, outras categorias de estranhos, a convivência será possível desde que controlados e com benefícios muito claros para os ditos não estranhos, normalizados/normalizadores.

Por outro lado, a mídia replica o discurso

científico a respeito da possibilidade de criação de robôs com emoção, alimentando o imaginário deificador do cientista, novo deus, criatura arrogante, narcísica, sem nome, encarnação do ideal antropocêntrico, prometeu – prometedora do prolongamento da juventude e da vida, e da auto-replicação por meio de células tronco, congelamento de cérebros para ressuscitação no futuro (crença tão antiga quanto a própria humanidade e documentada com as múmias egípcias, e reatualizada nos desenhos animados infantis em que os personagens nunca morrem).

A primeira tentativa moderna de transferência de uma função cerebral humana para uma máquina funcionou muito bem, poupando-nos de lidar com a complexa e infinita criação cultural, técnica, científica, etc. A memória pode ser arquivada, expandida e acessada a qualquer instante, a individual e a coletiva, de toda a humanidade, disponível para todos. A memória relacional, comunitária, tornou-se descartável e substituível pela informação padronizada do google.

A adaptação da tecnologia à ciência expande a memória mecânica, acumulada, em conformidade com

o modelo científico cartesiano de desenvolvimento fragmentário do conhecimento sobre as funções humanas, do mesmo modo como estas funções são estudadas, isoladamente. A máquina não gera memória apenas acumula e reproduz.⁸

Qual seria o correlato mecânico para as emoções e para a mente, tornando-as acessíveis para replicação e implante em seres artificiais?

A ciência tem inventado e reinventado expansores da consciência, inibidores, euforizantes, etc, cada vez mais potentes, as drogas químicas.

As reconfigurações intensas e continuas de fronteiras políticas e culturais, com empobrecimento da memória afetiva em função da ruptura de laços comunitários e familiares, tem incidido sobre o indivíduo fragilizando-o e deixando-o vulnerável à busca do preenchimento do vazio existencial com drogas de efeito rápido e devastador.^{2,8}

Para justificar o desligamento de si e dos outros o indivíduo cria um espaço mítico-espiritual, sensoperceptivo de expansão da mente e redução de afetos e trocas com o uso de drogas. As drogas potencializam o embotamento afetivo e a indiferença atual dos zumbis urbanos.

Para desligar-se da angústia que o horror da proximidade traz, o indivíduo conecta-se com o vazio: “tá ligado?”.

Filmes com zumbis e vírus como protago-

nistas e ameaça à humanidade tem sido ofertados ao mercado pela indústria cinematográfica americana com o mecanismo sutil, algumas vezes abertamente declarado, de culpabilização do imigrante, em geral árabe, pelo evento conhecido como onze de setembro em que as duas torres gêmeas, símbolos do capital financeiro foram postas abaixo por terroristas árabes suicidas. O outro, estrangeiro, é apresentado como estranho, infectante, louco, primitivo, justificando estratégias de vigilância permanente e o emprego de armas de destruição em massa. O outro, emigrado, precisa ser culpabilizado, vigiado, e eliminado, na ficção. Pelo menos era assim em todos os filmes em que zumbis árabes e vírus africanos ameaçavam a nobre e civilizada cultura americana. No entanto, em Guerra Z, filme protagonizado pelo humanitário na vida real Brad Pitt somos colocados diante de uma ameaça invisível, que combina as duas ameaças anteriores, vírus e zumbis: zumbis são indiferentes aos doentes e a solução para livrar-se da ameaça é a doença-indiferença programada, a camuflagem com o horror para depois com o an-

tidoto obter a reversão ao estado de normalidade. A tolerância é um disfarce, uma máscara. Os mecanismos projetivos da paranoia são aplicados à coletividade para justificar o preconceito e legitimar invasões domiciliares, deportações, prisões, assassinatos e permissões para desenvolver armas letais e romper limites éticos de autonomia e justiça social.

O sintoma social mais atual é a indiferença projetada no outro. A montagem é perversa porque deliberada e porque o outro só é admitido como objeto para vigiar e controlar. No limite último da perversão político-social está o líder ambicioso, narcísico, patológico que se compraz em controlar e exterminar populações vulneráveis, como se fosse criança com seus vídeo-games mortíferos.^{2,8}

Utilizando a teoria imunológica para explicar a sobrevivência e o poder infectante do vírus da AIDS que dribla as defesas do organismo ao camuflar-se incorporando proteínas ou sequências proteicas que o fazem invisível ao hospedeiro, a indústria cinematográfica americana ideologicamente adota em dupla camada de camuflagem o mecanismo projetivo deslocando-o para a produção artística e deificando o cientista-mártir (ou o discurso tecnocientífico) que se contamina para passar despercebido a aquele verdadeiramente doente, invasor. Identifica-se com a vítima, enquanto identifica a vítima como agressor, estranho, doente, mortífero. Assim, justifica a sua própria indiferença e ódio ao estrangeiro.

Na realidade, encena-se a compaixão enquanto se despreza a solidiedade e a dignidade humana.

O real é o outro, é o próximo, com sua face familiar e de estranheza, com o horror de ser igual e diferente, gentil e indiferente, imaginação e realidade.

O que o mundo não esperava era a horda real de zumbis latino-americanos invadindo a pujante realidade do deserto americano, e muçulmanos o conforto e a pujança europeia. Não se esperava que a realidade do deserto invadissem o deserto do real do capital como um bumerangue.

REFERÊNCIAS

- 1 – Anderson WT. *O futuro do eu: um estudo da sociedade da pós-identidade*. São Paulo: Cultrix; 1997.
- 2 – Bierman J. *O mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2003.
- 3 – Winnicott DW. *Textos selecionados: da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves; 1988.

4 – Soares FJP. *A pele que habito: metamorfoses do corpo segundo Almodovar* [Internet]. 2008 [Acesso em 30 de outubro de 2015]; 8: 59-68. Disponível em: http://www.gpal.com.br/wp-content/uploads/2015/03/topica_n8_A-pele-que-habito_-metamorfoses-do-corpo-segundo-Almodóvar.pdf

5 – Nasio J.-D. *A fantasia*. Rio de Janeiro: Zahar; 2007.

6 – Freud S. *Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago; 2006.

7 – Bettelheim B. *A psicanálise dos contos de fadas*. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2001.

8 – Tiburi M. *Filosofia prática: ética, vida cotidiana, vida virtual*. Rio de Janeiro: Record; 2014.

9 – Ortega F, Zorzanelli R. *Corpo em evidência: a ciência e a redefinição do humano*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; 2010.

10 – Le Breton D. *Individualização do corpo e tecnologias contemporâneas*. In: Couto SE, Goellner SV, organizadores. *O triunfo do corpo: polêmicas contemporâneas*. Petrópolis: Vozes; 2012. p. 15-32.

Fontes : Família Gotham e Leitura News
Maceió, novembro de 2015
Publicado originalmente em novembro
de 2015 em www.gpal.com.br



